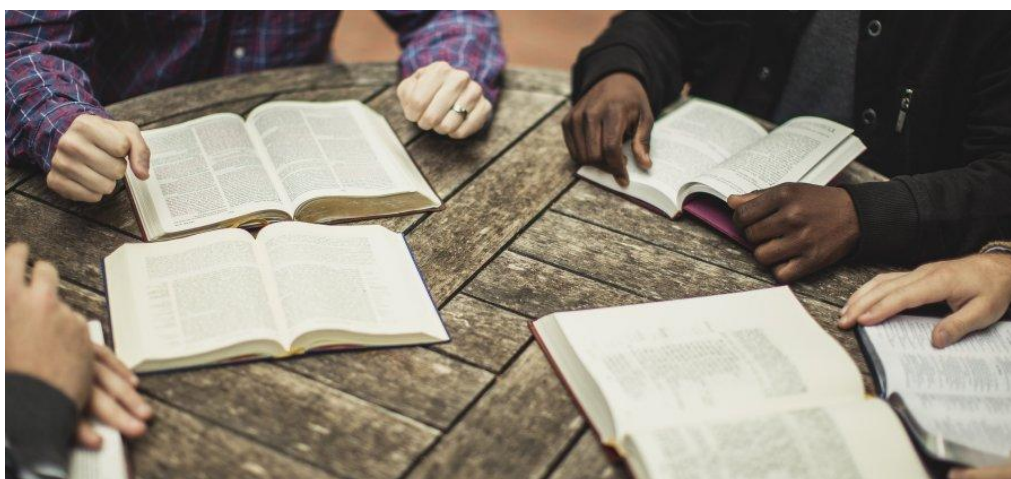


CÂMARA TEOLÓGICA DA IGREJA ADVENTISTA DA PROMESSA



HAMARTIOLOGIA

04/10/2025

Espaço Promessa

“MORTOS EM DELITOS E PECADOS”

Hamartiologia (A doutrina do pecado)

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, uma questão nos persegue: por que fazemos o mal que não queremos, e não fazemos o bem que desejamos? (cf Rm 7:19). O conceito de pecado, tão central nas Escrituras cristãs, não é apenas uma doutrina religiosa, mas uma janela para o entendimento da natureza humana. Ao olharmos para o mundo ao nosso redor – repleto de injustiça, sofrimento e dor – somos forçados a confrontar a realidade do pecado. Ele não apenas destrói relações entre pessoas, mas nos afasta de Deus, a fonte de toda bondade.

A área da teologia que estuda sobre o pecado é a hamartiologia. O termo é formado pelas palavras gregas **ἁμαρτία** (*hamartia* - *pecado*) + **λόγος** (*logos* - *estudo*). De modo simples, podemos definir hamartiologia como o estudo do pecado. Nesta disciplina examina-se a natureza, a origem, as causas e as consequências do pecado, tanto no indivíduo quanto na humanidade como um todo. É de grande importância o estudo da hamartiologia, pois nos ajuda a compreender outras doutrinas bíblicas, especialmente a doutrina do homem, de Cristo e da salvação.¹ Essas áreas da teologia cristã estão profundamente interligadas e se complementam ao tratar de questões essenciais sobre a natureza humana e seu relacionamento com Deus.

Uma pessoa pode nunca estudar formalmente hamartiologia, mas se conecta a esse tema por meio de suas experiências cotidianas, não é à toa que a hamartiologia é considerada frequentemente como um ramo da antropologia.² Estudar hamartiologia é mergulhar em uma área da teologia que trata do pecado e o pecado é o grande vilão da história da humanidade. Para aqueles que se dedicam a essa área, o estudo oferece uma compreensão mais profunda do mal no mundo e a necessidade de redenção e reconciliação, conceitos centrais na teologia.

Estudar hamartiologia, portanto, é buscar uma compreensão profunda da natureza do pecado e suas implicações espirituais, morais e sociais. Ao explorar como o pecado afeta a humanidade, esse estudo ajuda a entender melhor a condição humana e a fragilidade diante do mal. Para teólogos e cristãos, em particular, estudar hamartiologia é essencial para compreender a importância da graça divina, da salvação e do propósito da vida cristã. Esse conhecimento também pode guiar a prática moral e ética, ajudando as pessoas a tomar decisões mais conscientes e alinhadas com seus valores espirituais.

A condição de todo homem segundo a Bíblia, a menos que se resolva o problema do pecado, é a de que está morto em delitos e pecados (Ef 2:1). Devemos entender que Paulo não está apenas dizendo que o homem sem

¹ Freitas (2017:35).

² Freitas (2017:35).

Deus está "sujeito à morte ou sob sentença de morte; ele está *realmente morto*".³ Isso nos faz lembrar que todo ser humano precisa ouvir sobre sua condição, afinal: ... *todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus* (Rm 3:23).

O progresso da humanidade, com seus avanços tecnológicos, científicos e sociais, pode levar a uma falsa sensação de autossuficiência e controle sobre a vida, fazendo com que muitas vezes se ignore sua principal necessidade espiritual, isto é, o pecado. Nem a melhora na educação, nem a conquista da maturidade, nem uma autoexpressão mais plena, nada é suficiente para vencer esse problema humano profundo.⁴

A hamartiologia, ao estudar a natureza do pecado, ajuda a esclarecer a condição de separação de Deus na qual a humanidade se encontra. Sem esse entendimento, é difícil para as pessoas reconhecerem a gravidade do pecado e a necessidade de redenção. Quando pregadores e estudiosos ensinam sobre o pecado e suas consequências, como a Bíblia descreve, eles tornam possível que os ouvintes compreendam sua necessidade de salvação. Portanto, no início deste capítulo que trata da natureza do pecado, exploraremos o vocabulário do pecado, bem como sua definição.

I. A NATUREZA DO PECADO

O que é pecado e como podemos defini-lo? Uma maneira eficaz de começar a responder essa pergunta é explorando a terminologia envolvida.

1.1. O vocabulário do pecado

A Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, se refere ao pecado com diferentes termos. Vejamos os principais.

Antigo Testamento

No Antigo Testamento não temos exatamente uma definição de pecado, o "que temos são descrições concretas da realidade do mal em várias esferas".⁵ No Antigo Testamento, os principais termos hebraicos para pecado são:⁶

- חָטָא (*hāṭā'*) é a principal palavra para descrever pecado na língua hebraica. O termo significa pecar, errar o alvo, perder o caminho, incorrer em culpa (cf. Ex 32:21, 30, 31; 2 Rs 19:21; Sl 32:1; 40:6; 109:7). O termo e seus cognatos aparecem cerca de 600 vezes no AT. Um dos cognatos importantes é חָטָא (*hēṭē'*), que também possui o sentido de cometer um erro ou errar o alvo (Sl 51:5). A expressão "errar o alvo", por si só, indica um erro que não necessariamente é cometido de maneira intencional (Jz 20:16; Pv 19:2). Todavia, quando aplicada para falar do pecado, a palavra subentende uma decisão de errar, uma falha voluntária e culpável.

³ Howard (2006:134).

⁴ Williams (2011:192).

⁵ Smith (2001:266).

⁶ Severa (1999:198).

- חַטָּא (‘*āwon*), palavra que significa *pecado; culpa; punição*. Temos 232 usos desta palavra do Antigo Testamento (1 Rs 17:18; Os 12:9; Sl 51:11, etc.), com a ideia de torcer, referindo-se à culpa produzida pelo pecado. Na maioria das vezes, nas Bíblias em português, a palavra foi traduzida por “iniquidade”.
- עֲשָׂה (‘*pesha*’) que quer dizer rebelião ativa, uma transgressão da vontade de Deus (Pv 28:13). Temos 92 menções a esta palavra no Antigo Testamento.
- שָׁגָה (‘*šēgāgā*’), indica o pecado sem intenção, ainda que a pessoa que o cometa seja responsável por seus tê-lo feito (Lv 4:2). O termo aparece 19 vezes no Antigo Testamento. O verbo congato שָׁגָה (‘*šgh*’), possui o sentido de vaguear; desviar-se (Lv 4:13; Ez 34:6) e aparece 21 vezes no Antigo Testamento.

Novo Testamento

No Novo Testamento, as palavras gregas mais comuns para pecado são:

- ἀσέβεια (*asebeia*), significando impiedade (Rm 1:18; 11:26; 2 Tm 2:16; Tt 2:12; Jd 1:15, 18). Tal palavra aparece 6 vezes no Novo Testamento.
- ἀδικία (*adikia*), indicando injustiça, falta de retidão (Rm 1:18; 3:5; 1 Co 6:8). O termo aparece 25 vezes no Novo Testamento.
- παράβασις (*parabasis*), traduzida por transgressão, quebra da lei (Rm 2:23, 25; 5:14). Temos 7 menções ao termo no Novo Testamento.
- ἀνομία (*anomia*), iniquidade, ilegalidade, contra a lei, sem lei (Rm 4:7; 6:19; 1 Jo 3:4; Mt 7:23). Este termo é utilizado 15 vezes no Novo Testamento.
- παρακοή (*parakoe*), para dizer desobediência, não fazer o que Deus manda (Rm 5:19; 2 Co 10:6; Hb 2:2).⁷ Tal termos aparece apenas 3 vezes no Novo Testamento.
- ἁμαρτία (*hamartia*) - termo mais comum no Novo Testamento para se referir ao pecado (Mt 1:21; Rm 6:23; 1Jo 1:8), que significa “errar o alvo”. Temos 173 menções deste substantivo no Novo Testamento. Já ἁμαρτωλός (*hamartolos*), que é o adjetivo “pecador” aparece 47 vezes e ἁμαρτάνω (*hamartano*) que é o verbo “pecar” 43 vezes.

A Bíblia utiliza-se diversos termos para descrever o que chamamos de pecado, cada um revelando diferentes aspectos do mal praticado pelo ser

⁷ Severa (1999:198).

humano. Esses termos ampliam nossa compreensão da verdadeira natureza do pecado. Para ampliar a compreensão, apresentamos um quadro considerando o significado de algumas palavras empregadas no Antigo e Novo Testamento para pecado.⁸

Hebraico	Grego	Português	Ideia
(<i>hātā'</i>) a raiz aparece 593 vezes no Antigo Testamento. É o termo mais comum utilizado para descrever o pecado.	O substantivo (<i>hamartia</i>) ocorre 173 vezes no Novo Testamento, com 48 dessas ocorrências somente na Epístola aos Romanos.	Pecado	Tem o significado de errar o alvo; no contexto espiritual, o alvo representa o padrão ou a Lei de Deus (Rm 7:17-18).
(<i>'āwōn</i>) Carrega a ideia de algo distorcido, desfigurado, um ato que se desvia do caminho correto. A palavra aparece 231 vezes no Antigo Testamento.	(<i>adikia</i>) É um termo com conotação legal, referindo-se a algo injusto, que vai contra o padrão de justiça. Surge 25 vezes no Novo Testamento.	Iniquidade	Destaca a ação e suas consequências. A palavra carrega em si a ideia de resultado ou consequência do pecado. (Sl 32:5; 1 Co 6:9).
(<i>pesha'</i>) parece 93 vezes no Antigo Testamento. Alguns estudiosos consideram <i>pesha'</i> como o termo mais forte para pecado no Antigo Testamento.	(<i>parabasis</i>) É usada com menor frequência no Novo Testamento, aparecendo apenas 7 vezes.	Transgressão	Refere-se a violar o que Deus exige de nós, cruzar um limite proibido, agir com rebelião, traição e romper a aliança. (1 Rs 12:19).

Esses vocábulos destacam os diferentes aspectos do pecado. O que devemos enfatizar é que pecado não pode ser simplesmente reduzido a algo que fazemos conosco mesmos ou contra nós mesmos. O pecado é, em todas as suas variantes e aspectos, fundamental e radicalmente contrário a Deus.⁹ Agora que analisamos a questão da terminologia, retomemos a pergunta inicial: afinal, como podemos definir o pecado? Vamos explorar mais a fundo o seu conceito.

1.2 A definição de pecado

Inicialmente, é preciso reafirmar que a Escritura Sagrada considera o pecado muito à sério. Não é por acaso que a Bíblia tem um vocabulário rico referente ao pecado.¹⁰ A Bíblia não contém uma única definição abrangente de pecado. Ele é identificado em todo tipo de ação, condição e intenção contrário a Deus.¹¹ Nesse sentido pecado é tudo que existe em nós que não espelha o caráter santo de Deus e vai contra sua vontade (expressa em sua lei), seja em

⁸ Este quadro é adaptado de Franklin Ferreira e Alan Myatt, *Teologia Sistemática*, p. 446.

⁹ Ferreira (2007: 446).

¹⁰ Smith (2001:269).

¹¹ Smith (2001:266).

atos individuais específicos, seja em nossa natureza (1 Jo 3:4; Rm 2:15, 17-29; 3:23; 7:17,23).¹² Sobre isso Franklin Ferreira escreveu:

Qualquer concepção sobre o pecado que não coloca em primeiro plano a contradição que oferece contra Deus, é um desvio do ensinamento bíblico a respeito. O pecado, então, é uma louca declaração de autonomia, aberta rebelião e desobediência contra o Rei-Criador.¹³

Normalmente define-se o pecado em duas categorias gerais:

Pecado é algo contra a lei de Deus

Esta é a definição mais básica de pecado. Ela é correta e fala do pecado em seu sentido mais amplo, isto é, afastamento dos princípios estabelecidos por Deus: *Todo aquele que pratica o pecado também transgredir a lei, porque o pecado é a transgressão da lei* (1 Jo 3:4).

O pecado é considerado transgressão da lei de Deus no sentido de que ele viola os mandamentos e princípios estabelecidos pelo próprio Deus para orientar a vida humana. A palavra "transgressão" implica a quebra de um limite estabelecido, ou seja, o ato de ultrapassar o que foi ordenado como certo e justo. Assim, pecar é ir contra a vontade expressa de Deus, desrespeitando sua autoridade e desobedecendo suas instruções.

Pecado é algo contra a pessoa de Deus

A principal característica do pecado é ser uma ofensa dirigida contra Deus. O pecado contraria quem Deus é em sua essência. Deus é absolutamente santo, justo e amoroso, e qualquer forma de pecado se opõe a esses atributos. Quando alguém peca, age de maneira contrária à santidade, justiça e perfeição de Deus, rejeitando Seu padrão moral e ético. Dessa forma, o pecado não é apenas uma violação de regras, mas uma afronta pessoal a Deus e uma rejeição do que Ele representa.

Pecado, escreveu Berkhof, é essencialmente o abandono de Deus, a oposição a Deus e a transgressão da lei de Deus. Sempre se deve definir o pecado em termos da relação do homem com Deus e Sua vontade como vem expressa na lei moral.¹⁴ Por esta razão, Davi, depois de violar a lei de Deus, clamou: *Contra ti, só contra ti, pequei e fiz o que tu reprovais* (Sl 51:4).¹⁵

Ainda dentro da definição de pecado, podemos ir contra a lei de Deus e seu caráter de duas maneiras, que Norman Geisler classificou como pecados de comissão e pecados de omissão.

Pecados de comissão e pecados de omissão

¹² Freitas (2017:41).

¹³ Ferreira (2007:447).

¹⁴ Berkhof (2001:214).

¹⁵ Williams (2011:192).

Os pecados de comissão, isto é, *quando fazemos o que não deveríamos fazer*, são descritos pelo apóstolo João neste versículo: *Qualquer que comete o pecado também comete iniquidade, porque o pecado é iniquidade* (1 Jo 3:4).¹⁶ O pecado de comissão refere-se a ações específicas que vão contra a vontade de Deus, ou seja, é quando uma pessoa comete um ato que é explicitamente considerado pecado nas Escrituras. Isso inclui comportamentos como mentir, roubar, adulterar ou agir com raiva.

Os pecados de omissão são a nossa *falta de ação naquilo que deveríamos agir*. Como Tiago colocou: *Aquele, pois, que sabe fazer o bem e o não faz comete pecado* (Tg 4:17).¹⁷ Os pecados de omissão são aqueles que ocorrem quando uma pessoa falha em agir de acordo com o que é esperado ou exigido por Deus. Em outras palavras, trata-se da ausência de ação ou do não cumprimento de deveres morais e espirituais. Exemplos de pecados de omissão incluem não ajudar alguém em necessidade, não testemunhar sobre a fé quando há oportunidade ou falhar em praticar o bem que se deve fazer. Esses pecados são significativos porque revelam a negligência em cumprir a vontade de Deus e sempre trazem consequências.

Pecado como ato e estado

Sobre a natureza do pecado, faz-se necessário esclarecer que o pecado é tanto uma ação, quanto uma condição. Como bem explicou Pearlman, o “pecado é tanto um ato como um estado. Como rebelião contra a lei de Deus, é um ato da vontade do homem; como separação de Deus, vem a ser um estado pecaminoso”.¹⁸ Dito de outro modo, somos pecadores porque nascemos pecadores e somos pecadores porque cometemos pecados. O pecado é tanto um estado da nossa personalidade, quanto os resultados deste estado.

Quando definimos o pecado como *estado*, devemos sempre incluir nesta definição os resultados deste estado, isto é, os *atos* pecaminosos. Mas não devemos confundir os “atos pecaminosos que representam a manifestação deste estado com o próprio estado. O fruto não é a árvore. Os sintomas não são a enfermidade. (...) também os pecados não são outra coisa senão as manifestações do pecado”.¹⁹

Outra distinção importante e útil, nesta mesma linha, deve ser feita. Às vezes a palavra “pecado” (como na citação anterior), no singular, é utilizada para referir-se à condição pecaminosa inerente à humanidade, a natureza pecaminosa (Rm 7:8, 16-17). E a palavra “pecados”, no plural, é utilizada para referir-se às ações individuais que manifestam essa condição (Rm 4:7). Dentro desta distinção, a solução para os “pecados” é o perdão, mas a solução para o “pecado” é a libertação, a mudança de natureza que acontece com a regeneração. Enfim, à luz da Escritura trataremos um pouco mais destas questões mais à frente, neste capítulo, quando falarmos da condenação e da corrupção advindas do primeiro pecado.

¹⁶ Geisler (2010:84).

¹⁷ Geisler (2010:84).

¹⁸ Pearlman (2006:140).

¹⁹ Langston (1999:150).

Teorias filosóficas que negam a natureza do pecado

Tendo essa definição em mente, é preocupante o fato de que ao longo dos tempos, surgiram várias teorias para negar, justificar ou minimizar a natureza do pecado. Vejamos algumas.

O ateísmo

O ateísmo, ao negar a Deus, nega também o pecado, porque, estritamente falando, todo pecado é contra Deus; e se não há Deus, não há pecado.²⁰ Em vez disso, o comportamento humano é avaliado a partir de perspectivas seculares, como ética, moralidade e responsabilidade social. Assim, o que a Bíblia define como "pecado" é visto pelos ateus apenas como ações humanas que podem ser julgadas por suas consequências sociais e individuais, sem implicações espirituais ou transcendentais.

O determinismo

O determinismo é a teoria que afirma que a liberdade humana é uma ilusão e não uma realidade. Uma pessoa não pode deixar de atuar da maneira como o faz, e estritamente falando, não deve ser louvada por ser boa nem culpada por ser má. O homem é simplesmente um escravo das circunstâncias.²¹ Tudo o que acontece na vida das pessoas foi determinado por Deus e nada tem a ver com as escolhas pessoais destas. E, se as pessoas não têm controle real sobre suas escolhas, não podem ser consideradas moralmente responsáveis por elas.

O hedonismo

O hedonismo (da palavra grega que significa "prazer") é a teoria que sustenta que o melhor ou o mais proveitoso que existe na vida é a conquista do prazer e a fuga à dor; de modo que a primeira pergunta que se faz não é: "Isto é correto?", mas: "Traz prazer?".²² Com essa perspectiva, a noção de "pecado" — entendida como um ato que viola normas divinas ou princípios morais absolutos — não faz sentido, pois as ações são avaliadas com base em seu potencial de gerar prazer ou dor, e não em conformidade com mandamentos da lei de Deus.²³

O relativismo moral

O relativismo moral sustenta que o que é certo ou errado depende do contexto cultural, histórico e individual, não havendo normas morais universais. Nesse sentido, o conceito de pecado é visto como uma construção cultural

²⁰ Pearlman (2006:127).

²¹ Pearlman (2006:127).

²² Pearlman (2006:128).

²³ Pearlman (2006:128).

específica de certas religiões e sociedades, e não como uma verdade objetiva. Assim, uma ação considerada pecado em uma cultura pode ser aceitável em outra, tornando o conceito de pecado subjetivo e relativo. O contrário do relativismo moral é o absolutismo moral, que sustenta que existem princípios morais universais e absolutos, válidos para todas as pessoas em todas as situações, independentemente do contexto cultural, social ou individual. Em outras palavras, algumas ações são inerentemente certas ou erradas, e não há circunstâncias que possam mudar essa avaliação.

O existencialismo

O existencialismo, especialmente na visão de filósofos como Jean-Paul Sartre, nega a existência de valores e significados intrínsecos, incluindo o pecado. Para o existencialista, não existe uma essência humana predeterminada ou uma ordem moral estabelecida por um ser superior. Cada pessoa cria seu próprio significado e valores por meio das escolhas que faz. Assim, a noção de pecado perde relevância, pois não existe uma norma objetiva para se transgredir.

O estruturalismo

O estruturalismo defende que o pecado está nas estruturas e não nas pessoas. São as estruturas que moldam o comportamento humano e a experiência. Diante deste entendimento o pecado pode ser compreendido como a manifestação de estruturas que geram desigualdades, injustiças e sofrimento.

O materialismo

O materialismo filosófico sustenta que tudo no universo, incluindo a mente humana, pode ser explicado em termos de processos físicos e químicos. Não há lugar para conceitos espirituais como moralidade transcendente ou pecado. Nesse contexto, o comportamento humano é apenas resultado de interações materiais e biológicas, tornando o pecado um conceito metafísico sem fundamento.

Teorias religiosas que distorcem a natureza do pecado

Além das teorias apresentadas anteriormente, vejamos como o espiritismo, o hinduísmo e o islamismo definem o pecado. Conforme se notará, ambas as definições são distorções do que a Bíblia ensina.

Espiritismo	A doutrina gnóstica que afirma que a matéria física é má é a chave para entender o que vem a ser pecado no espiritismo kardecista. Quanto mais um espírito for ligado à matéria física, mais ele estará emaranhado no mal. Os espíritos impuros são encarnados em mundos mais materiais, enquanto os espíritos mais puros conseguem encarnações em mundos superiores, onde há menos ligação com a matéria física. Através da reencarnação, os espíritos entram em vários mundos, onde são purificados, ao passarem por tribulações na vida. Os atos bons e maus determinam o carma do indivíduo que, por sua vez, determina o estágio de vida do espírito na próxima
--------------------	--

	encarnação. Assim, o pecado não é principalmente um ato de rebelião contra Deus, mas, sim o resultado de estar preso a uma realidade material e inferior. O pecado não é tanto uma questão ética, mas uma deficiência ontológica da pessoa. ²⁴
Islamismo	Segundo o islamismo, a natureza humana não é pecaminosa. As pessoas não nascem em pecado. Eles pecaram no Éden, ao comer do fruto proibido, mas este pecado não foi algo realmente importante, pois se arrependeram e foram perdoados. Isto não trouxe prejuízo para natureza humana, pois o ser humano é essencialmente bom. Portanto, no islã, o problema do homem não é que ele esteja morto no pecado e incapaz de satisfazer as exigências da lei de Alá. Pelo contrário, o homem é capaz de adquirir sua própria justiça através da obediência a Alá. ²⁵
Hinduísmo	No hinduísmo e numa forma popular de panteísmo, como no movimento Nova Era, a questão do problema do ser humano não é colocada em termos de um problema ético, mas (como no kardecismo) como um problema ontológico. Os adeptos da Nova Era negam cabalmente que o ser humano seja pecador. Eles negam que exista uma distinção entre o bem e o mal. O problema do ser humano é que ele não reconhece em si sua própria divindade, ou seja, sua unidade com o Uno, a divindade impessoal que é tudo. O problema do homem não é uma rebeldia ética contra o Criador, mas sim a ignorância do fato de que ele mesmo é <i>Brahma</i> , a própria divindade. ²⁶

Todas essas perspectivas sobre o pecado são falhas e estão longe da verdade bíblica sobre sua natureza. Infelizmente, a sociedade, imersa no humanismo secular, fundamenta suas crenças em algumas dessas ideias equivocadas. O pecado existe! A Bíblia não nega a sua realidade, aliás, a realidade do pecado permeia toda a Bíblia, desde o início até o fim, sendo um tema central nas Escrituras. A Bíblia apresenta o pecado como uma condição humana universal e um problema espiritual que afeta a relação entre Deus e a humanidade. E como o pecado se originou?

II. A ORIGEM DO PECADO

Essa seção do estudo hamartiológico é importantíssima, pois identificar com exatidão *quando, como e por meio de quem* o pecado se iniciou, influenciará a nossa compreensão da solução desse grave problema. Dito de forma mais objetiva, saber a origem do pecado ajudará a entender o destino dele, como ele terá um fim. Se errarmos na definição da origem do pecado, iremos comprometer, em primeiro lugar, a doutrina de Cristo – *que é aquele que se deu em sacrifício pelo pecado humano* - e, em segundo lugar, a doutrina da salvação, *que é o próprio livramento do pecado e de seus efeitos*. Por isso, nas próximas páginas, dedicaremos tempo para descrever a queda do ser humano e mostrar os seus resultados. No entanto, antes de qualquer coisa, precisamos analisar a origem do pecado em dois momentos distintos. Vejamos cada um deles, a seguir.

2.1 A origem do pecado no céu

²⁴ Ferreira; Myatt (2007:424).

²⁵ Ferreira; Myatt (2007:424-425).

²⁶ Ferreira; Myatt (2007:425).

De início, é importante afirmar categoricamente que o pecado não foi causado por Deus. Em sua carta, Tiago descarta essa ideia ao dizer: *Quando tentado, ninguém deve dizer: Sou tentado por Deus, pois Deus não pode ser tentado pelo mal e a ninguém tenta* (Tg 1:13). Além disso, faz-se necessário lembrar de que a santidade de Deus é perfeita. Ele não pode pecar nem produzir iniquidade. No entanto, apesar de não ser o causador nem o culpado do pecado, precisamos compreender que o soberano e amoroso Deus criou seres angélicos e seres humanos livres. Ser livre pressupunha ter a possibilidade de escolher viver em perfeita harmonia com o Criador, através da obediência, ou se rebelar contra ele e os seus preceitos. Como veremos, tanto os anjos quanto os seres humanos fizeram mau uso da liberdade dada por Deus.

Visto que Deus não é o causador do pecado, por meio de quem, então, ele se originou no céu? Em João 8:44 temos uma resposta. Referindo-se ao diabo, Jesus disse: *Ele foi homicida desde o princípio e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele; quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira*. Além disso, Jesus afirma expressamente que *o diabo peca desde o princípio* (1 Jo 3:8). A expressão “princípio” utilizada nos textos acima, refere-se ao evento da criação. Desde o princípio Satanás é mentiroso e homicida.

Mas, quando exatamente isso aconteceu? A partir da cronologia de Gênesis, só faz sentido afirmar que o pecado dos anjos ocorreu depois da criação do homem e da mulher. Esta conclusão leva em consideração a avaliação positiva de Deus a respeito da sua obra: *Deus viu tudo o que havia feito, e eis que era muito bom* (Gn 1:31). Podemos presumir, então, que a queda de Satanás ocorreu no intervalo de tempo entre Gênesis 1:31, quando tudo era bom, e Gênesis 3:1, quando a “serpente” já aparece em estado de queda.

Para descrever a queda de Satanás, tradicionalmente, os cristãos têm utilizado os textos de Ezequiel e Isaías. Estes textos falam do rei de Tiro e do rei da Babilônia, respectivamente. Contudo, os textos trazem referências sobre-humanas. Eles parecem apontar para alguém distinto destes monarcas, mais especificamente Satanás, que é apresentado de forma tipológica. O texto de Ezequiel diz:

Você estava no Éden, jardim de Deus, e se cobria de todas as pedras preciosas: sárdio, topázio, diamante, berilo, ônix, jaspe, safira, carbúnculo e esmeralda. Os seus engastes e ornamentos eram feitos de ouro e foram preparados no dia em que você foi criado. Você era um querubim da guarda, que foi ungido. Eu o estabeleci. Você permanecia no monte santo de Deus e andava no meio das pedras brilhantes. Você era perfeito nos seus caminhos, desde o dia em que foi criado até que se achou iniquidade em você (Ez 28:13-15 – grifo nosso).

A iniquidade em questão aqui foi o orgulho, como afirma o texto de Ezequiel 28:17: *Você ficou orgulhoso por causa da sua formosura; corrompeu a sua sabedoria por causa do seu esplendor*. O texto do profeta Isaías também parece se referir ao motivo da queda do diabo quando declara: *Você pensava assim: “Subirei ao céu, exaltarei o meu trono acima das estrelas e me assentarei no monte da congregação, nas extremidades do Norte. Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo”* (Is 14:13-14). Logo, podemos concluir que foi Satanás que deu origem ao pecado no céu. E com o seu pecado,

ele arrastou a terça parte dos anjos de Deus, que se aliaram a ele em seu programa de rebelião (Ap 12:4). Estes temas são trabalhados com mais detalhes no capítulo deste livro que trata da doutrina dos anjos. Na sequência, vejamos como se deu a origem do pecado entre os seres humanos.

2.2 A origem do pecado na terra

Vimos que, primeiramente, o pecado entrou no universo harmônico de Deus através dos anjos (Jo 8:44; Ap 12:4; Jd 6). Aqui, porém, nosso objetivo é analisar a origem do pecado na perspectiva antropológica e não angélica. A rebelião, que começou no céu, chegou à terra. Ao colocar a árvore do “conhecimento do bem e do mal” no Éden (Gn 2:9, 17), Deus deu ao homem e à mulher a possibilidade da escolha entre obedecer ou não; entre confiar no criador ou ignorá-lo.

Através desta árvore do bem e do mal, cujo fruto deveria ser evitado, Deus estava ensinando aos seres humanos que bem e mal estão calcados na autoridade dele. É ele quem diz o que é bem e o que é mal; é ele quem formula as regras. Sobre Gênesis 2:9, Waltke e Fredericks comentam:

Bem e mal” é um merisma de todo o conhecimento moral: a capacidade de criar um sistema de ética e fazer julgamentos morais. (...) somente Deus no céu, que transcende o tempo e o espaço, possui a prerrogativa de conhecer verdadeiramente o que é bom e mau para a vida. (...) Os seres humanos, por contraste, devem depender de uma revelação daquele único que verdadeiramente conhece o bem e o mal (Pv 30.1–6), mas a tentação da humanidade é apoderar-se dessa prerrogativa independentemente de Deus.²⁷

Nesta mesma linha, Pedro Mártir Vermigli (1469-1562), um reformador italiano importante, mas pouco conhecido - chamado por Teodoro Beza de “fênix que surgiu das cinzas de Savonarola” -, explicou em um comentário que fez sobre o livro de Gênesis acerca da expressão “árvore do conhecimento do bem e do mal”:

Mestres diferentes oferecem ensinamentos dessemelhantes da razão por que esse nome foi imposto à árvore. (...) Aqui, porém, levando-se em conta o mandamento de Deus, o foco deve recair na essência da lei: Deus determina essas proibições para que nós não queiramos saber nem decidir o bem e o mal, com base em nossos próprios sentidos e raciocínio; ele quer que dependamos somente dele e da sua Palavra. Tudo quanto ele julga ser bom, assim devemos considerá-lo, e quanto ele considera mal, devemos também sustentar que é mal. Eis o que significa confiar em Deus: destonar o nosso próprio entendimento e preferir o conselho de Deus ao nosso. Isso é adorar a Deus, é pura obediência, e o seu contrário é opção da carne, da qual basta só um pouco para causar a morte.²⁸

Uma das primeiras ordens que Adão e Eva receberam, então, era que se consideram o bem ou mal, conforme o designio de Deus, para que, por conta própria, não formassem outras regras. Tragicamente, eles fizeram mau uso da

²⁷ Waltke; Fredericks (2010:102).

²⁸ In: Thompson; George; Manetsch, Orgs. (2015:140).

liberdade que possuíam e desobedeceram ao Criador. A descrição dessa queda está registrada em Gênesis 3:1-6. Analisemos detalhadamente, a seguir.

2.2.1 A descrição da queda dos seres humanos

Preliminarmente, é importante dizer que essa descrição parte do pressuposto de que o relato de Gênesis é um fato histórico. Adão e Eva, com toda certeza, existiram. Segundo Ferreira, “o texto de Gênesis 2:8-3:7 registra o encontro entre Satanás e Adão e Eva. Este relato é um registro confiável do que, de fato, aconteceu no jardim, num certo tempo – precisamente quando, ninguém sabe. Paulo reafirmou a historicidade deste relato, quando escreveu que Eva havia sido enganada pela astúcia da serpente (2 Co 11:3)”.²⁹

Para comprovar essa verdade, primeiro, é preciso considerar que o testemunho do Novo Testamento é inequívoco quando, por exemplo, o historiador e evangelista Lucas insere o primeiro homem na genealogia de Jesus ao dizer: *Cainã, filho de Enos, Enos, filho de Sete, e este, filho de Adão, filho de Deus* (Lc 3:38). É evidente que apenas pessoas históricas geram outras pessoas históricas.

Além disso, o próprio Senhor Jesus cita o livro de Gênesis e a criação do homem e da mulher, não como ficção, mas como histórias reais: *Jesus respondeu: — Vocês não leram que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e que disse: “Por isso o homem deixará o seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne?”* (Mt 19:4-5). Por último, o apóstolo Paulo afirma que a desobediência de Adão trouxe morte a toda humanidade (Rm 5:19; 1 Co 15:21-22) e que Eva foi formada após o homem (1 Tm 2:13). Para Paulo, um homem real trouxe morte real, e uma mulher de verdade veio a existir depois do seu marido.

Portanto, negar a historicidade do primeiro casal e a literalidade do livro de Gênesis contradiz o testemunho interno das Escrituras, a Palavra de Deus. Comprovada, então, a historicidade do relato da criação no livro de Gênesis, passemos à descrição da queda de Adão e Eva. Veremos que até a queda, tanto Adão quanto Eva entraram em um processo de declínio: Deram ouvido ao opositor de Deus; Distorceram o mandamento de Deus; Duvidaram da Palavra de Deus e Desejaram desobedecer a Deus.

a) Deram ouvido ao opositor de Deus (Gn 3:1)

Em Apocalipse 20:10, “Satanás”, que significa *adversário* ou *aquele que se opõe*, é chamado de sedutor. Já em Apocalipse 12:9, além de ser identificado como sedutor, ele é chamado de “a antiga serpente”. Gênesis 3:1 narra que ele usou um disfarce, apareceu a Eva na figura de uma serpente e começou a dialogar com ela: *Mas a serpente, mais astuta que todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: — É verdade que Deus disse: “Não comam do fruto de nenhuma árvore do jardim”?* O opositor de Deus mostrou-se amigo de Eva, mas na verdade era inimigo. Com astúcia, enganou a mulher.

²⁹ Ferreira (2007:440).

Mas onde Adão estava quando tudo aconteceu? Ele era o principal responsável pela integridade espiritual da sua família. Longman III diz que “Gênesis 3.6 deixa claro que ele “estava com ela” (NVI)³⁰ durante a conversa com a serpente, mas ficou calado. Ele devia ter interrompido. Devia ter expulsado a serpente”.³¹ Assim, fica claro que ambos deram ouvidos aopositor de Deus e, portanto, permitiram que o diálogo se desenvolvesse. O ensinamento aqui é inequívoco: dar ouvidos a Satanás precede à queda espiritual.

b) Distorceram o mandamento de Deus (Gn 3:2-3)

A serpente distorceu a ordem dada por Deus. Ela disse a Eva: *É verdade que Deus disse: “Não comam do fruto de **nenhuma** árvore do jardim”?* A mulher corrigiu a fala da serpente: *Podemos comer do fruto das árvores do jardim.* Contudo, na hora de apresentar a única restrição apresentada por Deus, ela não o fez de modo preciso: **Deus disse:** *“Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, **nem toquem nele**; do contrário vocês morrerão* (Gn 3:3 – grifo nosso). Não foi propriamente isso que Deus disse. Na verdade, o Senhor Deus lhe deu esta ordem: *De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás* (Gn 2:16-17).

Quando se refere aos excelentes mandamentos de Deus, não se pode ir além nem ficar aquém; nem acrescentar nem tirar. Mudar a Palavra de Deus, além de afrontar o seu caráter imutável, abre precedentes perigosos (Pv 30:5-6; Ap 22:18-19; 2 Pe 3:16). Foi exatamente isso que ocorreu com o primeiro casal.

c) Duvidaram da Palavra de Deus (Gn 3:4-5)

Satanás é o pai da mentira, pois *quando mente, fala a sua própria língua* (Jo 8:44). Ele é divorciado da verdade e está em oposição a ela. No Éden, Deus decretou que se Adão e Eva comessem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal eles certamente morreriam (Gn 2:17), mas Satanás replicou dizendo: *Certamente não morrerão!* (Gn 3:4). Podemos presumir que, a partir daquele momento, a dúvida começou a permear a mente de Eva. Ela estava diante de duas afirmações antagônicas. O dilema estava posto.

Quando foi tentado pelo Diabo, Jesus não permitiu que a dúvida sobre a sua identidade achasse guarida em seu coração. Para vencer a mentira, Jesus reafirmou a verdade das Escrituras (Mt 4:4, 7 e 10; Dt 8:3; Dt 6:16). Por sua vez, Adão e Eva abrigaram a mentira de Satanás e duvidaram da Palavra de Deus. Jesus venceu no deserto, em condições adversas. Adão e Eva perderam no paraíso, um ambiente propício para afirmarem a total dependência de Deus. Com mentira e sedução, Satanás conseguiu convencer o casal de que eles não morreriam se desobedecessem ao Criador. O casal duvidou do Deus da verdade, mas acreditou no pai da mentira.

³⁰ Hebraico: *imah* (‘*imah*), que significa “com ela”. Por isso, os tradutores da Bíblia de Jerusalém traduziram: *Deu-o também a seu marido, **que com ela estava** e ele comeu*. Outras versões bíblicas também optaram por esta mesma tradução: Bíblia Almeida Contemporânea, Nova Versão Transformadora, dentre outras.

³¹ Longman III (2009:135).

d) *Desejaram desobedecer a Deus (Gn 3:6)*

O desejo de se tornarem iguais a Deus (Gn 3:4-6) precedeu o desejo de comer o fruto. Ou seja, tomar o fruto e comê-lo apenas foi a exteriorização do desejo interior de ser igual ao soberano Senhor. Devemos lembrar que esse também foi o principal desejo de Satanás no céu: *subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo* (Is 14:13-14). No jardim, o primeiro casal também se aventurou em desejar algo proibido e impossível aos seres criados.

O ataque da serpente foi bem-sucedido, pois em Gn 3:6a a mulher cede ao que o apóstolo João, em 1João 2:16, chama de “concupiscência da carne”, “concupiscência dos olhos” e “soberba da vida”. Em outras palavras, aplicado à experiência de Eva, a *concupiscência da carne* significou o desejo de experimentar da árvore que parecia boa para se comer. Por sua vez, a *concupiscência dos olhos* foi enxergar a árvore como agradável e, por fim, a *soberba da vida* significou o desejo de adquirir entendimento e ser “como Deus”.

2.2 Os resultados da queda dos seres humanos

Como vimos, o pecado foi descrito como fato histórico. Contudo, também precisamos analisá-lo como um ato com implicações teológicas. Por isso, a sistematização dessa doutrina deve levar em consideração, não apenas a descrição, mas, sobretudo, os resultados danosos do pecado na, até então, boa e perfeita obra criacional de Deus. Aqui, chamamos esses resultados de *alienação*, que é o estado de separação e inimizade entre o ser humano caído e Deus e a sua criação. Podemos destacar pelo menos quatro alienações causadas pela queda. Vejamos a seguir.

a) *Alienação entre o ser humano e Deus*

O primeiro casal mantinha uma relação de comunhão com Deus. Porém, logo após pecarem, *ao ouvirem a voz do Senhor Deus, que andava no jardim quando soprava o vento suave da tarde, o homem e a sua mulher se esconderam da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim* (Gn 3:8). Sobre esse texto, Waltke afirma que a morte espiritual de Adão e Eva, sua separação de Deus, é simbolizada pelo ocultamento entre as árvores.³² Eles tentaram fugir da presença de Deus. O que era uma relação de confiança, proximidade e diálogo tornou-se uma relação de medo, vergonha e fuga.

O profeta Isaías afirma categoricamente que o pecado faz separação entre os seres humanos e Deus (Is 59:2). Essa separação, ou alienação, resulta em morte espiritual, pois *vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados* (Ef 2:1), morte física, pois *todos os dias da vida de Adão foram novecentos e trinta anos; e morreu* (Gn 5:5 – grifo nosso) e morte eterna, pois *quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos imorais, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que*

³² Waltke (2019:123).

*lhes cabe será no lago que está queimando com fogo e enxofre, a saber, a **segunda morte*** (Ap 21:8 – grifo nosso).

Como é próprio do seu caráter, Deus foi verdadeiro quando disse a Adão: *De toda árvore do jardim você pode comer livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal você não deve comer; porque, no dia em que dela comer, você **certamente morrerá*** (Gn 2:16,17 - grifo nosso). Resumidamente, então, podemos dizer que o pecado gerou alienação que, conseqüentemente, resultou em morte.

b) Alienação entre o ser humano e si próprio

Após a queda, além de serem separados de Deus, os seres humanos foram alienados de si mesmos. O pecado os atingiu de tal maneira que houve desordem nos pensamentos, nos sentimentos e nas vontades do primeiro casal. Podemos citar dois exemplos para fundamentar essa conclusão. Primeiro, a autopercepção deles foi afetada, pois, quando viram que estavam nus, sentiram vergonha (Gn 3:7). Segundo, o medo passou a fazer parte da realidade deles: *Ele respondeu: — Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi* (Gn 3:10). Kidner diz que “o medo (a primeira menção do temor) é significativo: este medroso retraimento face a Deus continua fazendo parte da nossa condição decaída”.³³

Os resultados da alienação de si próprio são, dentre outras coisas, disfuncionalidades psíquicas e emocionais. Por exemplo, por causa da queda, os seres humanos são inclinados a pensar e a sentir em relação si mesmos ou *além* ou *aquém* da medida. Tanto o complexo de superioridade quanto o complexo de inferioridade evidenciam o estado disfuncional em que a humanidade se encontra. Mesmo os cristãos redimidos precisaram ser alertados, pelo apóstolo Paulo, a esse respeito: *Porque pela graça que me é dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um* (Rm 12:3).

c) Alienação entre o ser humano e o próximo

O primeiro conflito social ocorreu no casamento. Antes da queda, o primeiro homem declarava palavras em favor da mulher: *Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada* (Gn 2:23). Contudo, após o pecado, ele lança palavras contra a mulher: *Foi a mulher que me deste por companheira que me deu do fruto da árvore, e eu comi* (Gn 3:12). Além disso, Longman III diz que “Adão e Eva já não podem permanecer nus diante um do outro, sem sentir vergonha. Eles se cobrem com folhas de figueira. A vergonha que experimentam vai além da sensação de inadequação física e inclui um distanciamento psicológico e espiritual”.³⁴ O autor conclui dizendo que eles “já não experimentam a mesma medida de união íntima que sentiam antes do pecado”.³⁵

³³ Kidner (1979:65).

³⁴ Longman III (2009:136).

³⁵ Longman III (2009:136).

Outra evidência da alienação presente entre o casal está em Gênesis 3:16c: *Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará*. Longman III diz que “o vocábulo hebraico que é aqui traduzido como desejo (*teshuqah*) só é empregado em dois outros lugares (Gn 4.7; Ct 7.10)”.³⁶ Segundo o autor, em Gênesis 4:7, “a questão é o desejo do pecado em dominar Caim. Da mesma maneira, o desejo da mulher deve ser visto como um desejo de dominar Adão”.³⁷ Podemos concluir, que o castigo imposto sobre a mulher no v.16 tem a ver com a luta pelo poder; tem a ver com quem dominaria o relacionamento do casal.

Neste mesmo sentido, Grudem afirma que a palavra traduzida por desejo (*teshuqah*) significa “desejo de conquistar”, e indica que Eva teria o desejo de usurpar a autoridade de Adão.³⁸ Com respeito a este último foi dito a Eva: *ele te governará*. O termo “governará” (*mashal*) é geralmente associado a governos monárquicos e não para relações familiares. Aqui não indica uma gestão pacífica, mas autoridade ditatorial.³⁹ Ou sejam, Adão iria abusar da sua autoridade, dominando a Eva com dureza.

Observemos, deste modo, que os relacionamentos familiares harmoniosos foram despedaçados com o pecado. A briga de gêneros, inclusive, é um resquício do pecado. A alienação entre Adão e Eva, então, torna-se um símbolo das relações conflituosas dos seres humanos, pois, em primeiro lugar, de modo individual, pessoas se levantam contra pessoas (Gn 4:8) e, em segundo lugar, de modo coletivo, nações guerreiam contra nações.

d) Alienação entre o ser humano e a natureza

Além de estar alienado de Deus, de si mesmo e do seu semelhante, o ser humano está alienado da natureza, da criação de Deus. O Senhor Deus se dirige a Adão e diz: *Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo* (Gn 3:17-18). Os resultados da queda são tão abrangentes que todo o cosmo é afetado. A terra se tornou maldita por causa do pecado humano. Além disso, *sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora* (Rm 8:22).

Para Carriker “de fato, pela introdução do pecado, seres humanos se tornaram, de longe, a principal causa dos problemas ambientais: desperdício, superexploração dos recursos naturais, não buscar soluções já existentes, etc.”.⁴⁰ Como representantes do Criador na terra, o ser humano deveria cultivar e cuidar do meio ambiente, mas preferiu distorcer essa ordem. Ao invés de cuidar, o homem explora, “escraviza” a terra. Por isso, se dará a necessidade de libertação, conforme o apóstolo Paulo: *na esperança de que a própria criação será libertada do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus* (Rm 8:21).

³⁶ Longman III (2009:138).

³⁷ Longman III (2009:138).

³⁸ Grudem (1999:381).

³⁹ Grudem (1999:381).

⁴⁰ Carriker (2014:21).

As análises da descrição e dos resultados do pecado mostram a gravidade do problema. Nossas relações foram afetadas em todos os níveis e nossas percepções foram distorcidas. Na sequência, vejamos como o pecado afeta os seres humanos, de maneira abrangente. Todos somos realmente culpados? Somos realmente todos corruptos? Será que somos todos responsáveis por um pecado que não cometemos diretamente? E mais: será que nossa natureza, desde o nascimento, já está corrompida e inclinada ao mal? Se o pecado original realmente foi transmitido a toda a humanidade, o que isso significa para nós hoje? Somos todos culpados diante de Deus?

III. A TRANSMISSÃO DO PECADO

O pecado é o mal sem par, não existe nada mais nocivo do que o pecado. O pecado é errar o alvo estabelecido pela lei de Deus, é infidelidade, desvio do caminho, saída do aprisco, cegueira e surdez, transgressão e incapacidade. Pecado é uma fera rosnando à porta. O mal do pecado é pior que qualquer outra perturbação e aflição, pior que a morte, pior que o próprio diabo.⁴¹ Conforme veremos com mais detalhes, neste tópico, não existe um ser humano que possa dizer que não foi afetado pelo pecado. A universalidade da transgressão é estabelecida em declarações diretas da Escritura:

1 Re. 8.46 – “não há homem que não peque”; Sl. 143.2 – “não entres em juízo com o teu servo, porque à tua vista não se achará justo nenhum vivente”; Pv. 20.9 – “Quem poderá dizer: Purifiquei o meu coração, limpo estou do meu pecado?”; Ec. 7.20 – “Na verdade, não há homem justo sobre a terra, que faça o bem e nunca peque”; Lc. 11.13 – “se vós, sendo maus”; Rm. 3.10,12 – “Não há nenhum justo, nenhum sequer... Não há quem faça o bem; não há nenhum só”; 19,20 – “que toda boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus. ... por isso, nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado”; 23 – “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”; Gl. 3.22 – “mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado”; Tg. 3.2 – “Porque todos tropeçamos em muitas coisas”; 1 Jo. 1.8 – “Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e não há verdade em nós”.⁴²

Todas essas declarações atestam a pecaminosidade universal do homem: não há ninguém que jamais peque, ninguém que possa afirmar ser livre de pecado, ninguém finalmente justo diante de Deus. O mundo inteiro está dominado pelo pecado (Gl 3:22). O pecado é tão universal quanto a raça humana.⁴³ E se é verdade que ele trouxe consequências terríveis, como vimos no tópico anterior, é verdade também, à luz das Escrituras Sagradas, que nós herdamos o pecado em Adão. Segundo Grudem, essa contaminação universal acontece de dois modos: pela "culpa herdada" e pela "corrupção herdada".⁴⁴

3.1. Todos somos culpados? A culpa herdada

⁴¹ Ferreira (2007:477).

⁴² Strong (2003:174)

⁴³ Rodman (2011:231)

⁴⁴ Freitas (2017:45).

Quando nossos pais pecaram, de modo repentino: *foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus* (Gn 3:7). Severa comenta que ao sentirem vergonha e necessidade de cobrir o corpo, e o medo que tiveram de Deus quando ouviram a sua voz, demonstra o sentimento de culpa de Adão e Eva. Houve uma consciência de um estado de corrupção e de necessidade, por culpa exclusiva deles. Procuraram se esconder da presença de Deus e um do outro.⁴⁵ A nudez física é um quadro de uma consciência nua ou culpada.⁴⁶

A grande questão é como isso afeta a nós? Grudem esclarece que “quando Adão pecou, Deus considerou pecadores a todos os descendentes de Adão. Embora nós ainda não existíssemos, Deus, olhando ao futuro e sabendo que existiríamos, começou a nos considerar culpados como Adão”.⁴⁷ Sobre isso Geisler acrescenta:

O pecado de Adão afetou não somente a si mesmo, com o também toda a sua descendência — todos nós pecamos “por um homem” (Rm 5.12). E todos os descendentes de Adão estavam presentes nele, potencial e seminalmente, e/ou legalmente (juridicamente), já que, como o cabeça da raça humana, ele era o nosso representante legal (Rm 5.18-21). Como o nosso representante legal, Adão, pecou em nosso lugar, recebemos as consequências legais das suas escolhas. Em outras palavras, Adão tinha uma procuração passada por Deus com poderes sobre toda a humanidade, e quando ele fez uso dela para o mal, as consequências do seu pecado foram diretamente imputadas para todos os membros da sua posteridade — que somos todos nós.⁴⁸

Por causa do pecado original de Adão, todos os seres humanos nascem em um estado de condenação e separação de Deus. Não somos apenas afetados pelas consequências do primeiro pecado, mas herdamos a culpa daquele ato, sendo considerados responsáveis por ele aos olhos de Deus. Todos somos culpados! *Todos pecaram!* (Rm 5:12). O verbo grego *hemarton*, no indicativo aoristo, sugere uma ação concluída no passado. Para Paulo, no passado, todos os homens pecaram. Mas como isso pode ser possível se, naquele momento da história, ainda havia muitos seres humanos para nascer e muitos outros haviam morrido na infância, sem cometer qualquer pecado consciente? É que o ponto dele é que, por meio de Adão, todos pecaram. Não se trata, aqui, dos nossos pecados pessoais, mas do pecado original.⁴⁹

3.2 Todos somos corruptos? A corrupção herdada

Não herdamos de Adão apenas a culpa pelo pecado, mas também uma natureza corrompida. Isso significa que na queda de Adão recebemos como herança uma disposição ou tendência para o pecado. Por isso, inspirado pelo Espírito Santo, Davi declarou a sua e a nossa real situação: *De fato, tenho sido mau desde que nasci; tenho sido pecador desde o dia em que fui concebido* (Sl 51:5 - NTLH). Observe que neste Salmo Davi afirma possuir uma natureza

⁴⁵ Severa (1999:210).

⁴⁶ Pearlman (2006:132).

⁴⁷ Grudem (1999:407).

⁴⁸ Geisler (2010:105).

⁴⁹ Freitas (2017:45).

pecaminosa desde o momento de sua concepção. Uma ideia semelhante é apresentada no Salmo 58:3.

Ainda no Antigo Testamento, o profeta Jeremias escreveu: *Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?* (17:9). O pecado contaminou cada aspecto da humanidade. Não foi sem razão que o apóstolo Paulo apresentou os seres humanos sem Cristo como “filhos da ira”: *todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais* (Ef 2:3). O mesmo Paulo, escrevendo a Tito, assegurou: *Pois nós também, outrora, éramos néscios, desobedientes, desgarrados, escravos de toda sorte de paixões e prazeres, vivendo em malícia e inveja, odiosos e odiando-nos uns aos outros* (Tt 3:3).

Aqueles que possuem filhos, com certeza, podem dar testemunho destas realidades apresentadas nos textos citados, isto é, de que todos os seres humanos possuem uma tendência ou inclinação natural para o pecado. As “crianças não precisam ser ensinadas a fazer coisas erradas; descobrem por si próprias. O que nós, pais, temos de ensinar-lhes é o agir correto”⁵⁰ (Ef 6:4).

Por causa de Adão nossa natureza foi corrompida; não somos uma “folha em branco”. Não somos pecadores apenas porque pecamos, mas pecamos por sermos pecadores. Nossa natureza é pecar. Sem Cristo, é impossível que um ser humano abandone o pecado. E mesmo com Cristo, a natureza pecaminosa que continua em nós, nos impede de nunca pecar: *Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós* (1 Jo 2:8). Por isso Jesus nos ensinou a orar pedindo perdão pelos nossos pecados (Mt 6:12). Podemos até controlar algumas atitudes pecaminosas, mas até a volta de Cristo, não conseguiremos deixar de ser pecadores. E, neste ponto, é importante entendermos o conceito de “depravação total”.

Depravação total

Hora ou outra é possível encontrarmos o termo “depravação total” em livros de teologia. Esta expressão significa, tão somente, que a corrupção trazida pelo pecado afeta todas as partes de nosso ser — o corpo, as emoções, a mente, os desejos e a vontade, juntos. O pecado contamina tudo que pensamos, desejamos e fazemos. É claro que isso não significa que cada um de nós faz todo o mal imaginável. Segundo a Bíblia, os princípios morais e espirituais da lei que Deus colocou no coração do homem, ao criá-lo, impedem-no de tornar-se um ser essencialmente imoral (Rm 2:14-15). Para Geisler, “depravação total” não significa que os seres humanos estão destituídos de toda espécie de bondade natural; a *imago Dei* foi afetada, mas não erradicada.⁵¹ Por causa dos resquícios da imagem de Deus, e da consciência colocada em todos os seres humanos, mesmo o ímpio, não é tão mal quanto poderia ser.

Contudo, mesmo não sendo tão maus quanto poderíamos ser, também não conseguimos ser tão bons como gostaríamos; somos incapazes de fazer aquilo que Deus espera de nós, pois, hora ou outra, mesmo cristãos, pecaremos.

⁵⁰ Grudem (1999:409).

⁵¹ Geisler (2010:210)

Nunca conseguiremos temer a Deus da maneira como deveríamos, ou amá-lo como deveríamos. Até mesmo nossas melhores intenções quase sempre estão contaminadas de orgulho e vaidade. Então, a doutrina da depravação total lembra aos seres humanos que nossa justiça própria nunca passará de trapos de imundícia (Is 64:6).

Por fim, a depravação total significa que o ser humano é incapaz de buscar a Deus ou escolher a salvação por si próprio. Ele é livre para escolher com quem vai casar, o que vai comer, onde vai trabalhar, que curso vai fazer, etc. (o que teólogos chamam de *livre agência*, isto é, uma agência voluntária ou sem qualquer compulsão). Contudo, no que diz respeito a escolha do “bem maior” (que é a salvação), precisa de um despertamento, pois, mesmo livre, é dominado pelo pecado. Nenhum ser humano é capaz de escolher o “bem maior”, por si próprio ou naturalmente. Ele depende da ação de convencimento do Espírito Santo, cujo papel é convencer do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16:8-15) – trataremos melhor sobre estas questões no capítulo sobre a Doutrina da Salvação.

Objeções pelagianas

Existe várias explicações que negam que a humanidade tenha recebido a herança do pecado de Adão. Dentre essas, vamos destacar um modo de entender a razão da pecaminosidade universal, conhecido como pelagianismo que diz que o pecado de Adão não tem nenhuma relação real com o pecado de cada pessoa. Quer dizer, o indivíduo não herda a natureza pecaminosa de Adão nem sua culpa. Cada um peca porque escolhe pecar. A única relação do pecado de Adão com as pessoas é que ele se constituiu num mau exemplo para todos. De acordo com esse entendimento, cada pessoa é um novo homem e tem a chance de viver sem pecado. Ele não nasce com sua natureza corrupta.⁵²

Pelágio, foi um monge bretão que pregou em Roma por volta do ano 400 d.C. Ele ensinou que o homem foi criado neutro (nem santo nem pecador) e com a capacidade de escolher livremente se irá pecar ou fazer o bem. Não obstante, Todos os homens nasceram na mesma condição de Adão antes da queda.⁵³ A posição pelagiana rejeita a doutrina do “pecado herdado” ou “pecado original” e mantém que o pecado consiste só de ações pecaminosas separadas.⁵⁴

Esta interpretação não tem apoio bíblico, que ensina que as pessoas nascem pecadoras, como vimos até agora. Vários pais da igreja se opuseram às ideias pelagianas. O mais destacado foi Agostinho de Hipona, cujos escritos foram fundamentais para refutar as ideias de Pelágio. Agostinho argumentava que todos os seres humanos nascem com uma natureza pecaminosa herdada de Adão, e que a graça divina é absolutamente necessária para a salvação. Sua obra, especialmente nas controvérsias com Pelágio, foi crucial para a formulação da doutrina do pecado original.

Além de Agostinho, outros Pais da Igreja também se opuseram ao pelagianismo, incluindo: Jerônimo, Gregório de Níssa e João Crisóstomo – ambos ensinavam que a natureza humana foi corrompida pelo pecado de Adão

⁵² Severa (1999:216).

⁵³ Ryrie (2004:253).

⁵⁴ Apud Grudem (777).

e necessitava da graça de Deus para ser restaurada. As ideias de Pelágio foram condenadas no Concílio de Cartago, em 418 d.C.⁵⁵

É inegável nas Escrituras que o pecado de Adão foi transmitido a toda a raça humana: *Quando o pecado entrou no mundo por meio de um homem, o pecado entrou na raça humana inteira* (Rm 5:12 - NBV). Rodman ainda esclarece que “não é só uma questão de transmissão biológica, pois o pecado e a queda pertencem basicamente ao campo espiritual e ético; é uma condição espiritual transmitida a todos. Existe em toda a humanidade, desde o nascimento, tanto a mancha do pecado como a tendência para o pecado.”⁵⁶

Solidariedade em Adão e em Cristo

Quando nos deparamos pela primeira vez com a ideia de que somos considerados culpados e corruptos pelo pecado de Adão, nossa reação natural é de protesto, pois isso nos parece injusto. Grudem argumenta:

Todo aquele que protesta dizendo que isto é injusto esquece que ele também cometeu voluntariamente muitos autênticos pecados pelos quais Deus também o considera culpado. Estes constituirão a base primária sobre a qual seremos julgados no dia final. Além disso, se tivéssemos estado no lugar de Adão, também teríamos pecado como ele o fez, e nossa subsequente rebelião contra Deus o demonstra. Se pensamos que é injusto estar representados por Adão, deveríamos também pensar que é injusto estar representados por Cristo e que Deus anote a nosso favor Sua justiça. Porque o procedimento que Deus usou foi o mesmo, e isso é exatamente o que Paulo está dizendo em Romanos 5:12-21: “Assim como pela desobediência de um só homem foram todos constituídos pecadores, assim também pela obediência de um só todos serão constituídos justos” (Rm 5:19, TB). Adão, nosso primeiro representante, pecou, e Deus nos considerou culpados. Mas Cristo, o representante de todos os que creem nEle, obedeceu a Deus perfeitamente, e Deus nos considera justos. Esta é simplesmente a maneira em que Deus estabeleceu que funcionasse a raça humana.⁵⁷

Em Romanos 5:12-21 o apóstolo Paulo estabelece as “solidariedades”, conforme mencionadas por Grudem no comentário anterior. Por um lado, a solidariedade de toda a raça humana com o primeiro Adão. Do outro lado, a solidariedade com o segundo Adão, que é Jesus. Tanto Adão quanto Jesus são figuras representativas para toda a humanidade, mas com efeitos muito diferentes. Pontuemos mais algumas questões sobre este tema:

Solidariedade entre Adão e os seres humanos (Rm 5:12-14)

Em Romanos 5:12, Paulo escreve: *Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram*. Adão é o representante da humanidade no momento da queda. Quando Adão pecou, ele agiu como o

⁵⁵ Severa (1999:216).

⁵⁶ Williams (2011:233).

⁵⁷ Grudem (1999:407).

“cabeça” de toda a raça humana, e o seu pecado foi imputado a todos os seus descendentes.

A humanidade herdou de Adão a culpa pelo pecado e uma natureza pecaminosa. Assim como os filhos herdam características físicas de seus pais, todos os seres humanos herdaram o pecado original de Adão. (Sl 51:5; Rm 3:23). Com o pecado de Adão, veio a morte, tanto física quanto espiritual. Paulo afirma que a morte reinou desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram de maneira semelhante à transgressão de Adão (Rm 5:14). Isso indica que, por causa da solidariedade com Adão, toda a humanidade experimenta os efeitos do pecado e da morte.

Solidariedade entre Jesus e os seres humanos (Rm 5:15-19)

Em Romanos 5:14, Paulo se refere a Adão como "tipo daquele que havia de vir", ou seja, um tipo de Cristo. Ambos são figuras representativas para toda a humanidade, mas com resultados muito diferentes. Adão trouxe pecado e morte, enquanto Cristo traria a vida e a redenção. Cristo é visto como o novo "cabeça" da humanidade, trazendo a restauração e a vida eterna para aqueles que estão unidos a ele pela fé. Se em Adão todos foram condenados, em Cristo, todos os que creem são justificados.

*Mas a dádiva não é como a transgressão. Pois, se pela transgressão de um só, muitos morreram, **muito mais** a graça de Deus, e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foi abundante sobre muitos* (Rm 5:15 – grifo nosso). Ferreira disse que a expressão “muito mais” é usada para demonstrar a superioridade da segunda solidariedade.⁵⁸ Paulo mostra que, embora o pecado de Adão tenha causado a morte de muitos, a graça de Deus por meio de Jesus Cristo superabunda. A dádiva de Cristo não é apenas uma correção dos danos causados por Adão; ela traz algo muito maior — vida e reconciliação com Deus.

Portanto, assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação que dá vida. Pois como, pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim também, pela obediência de um só, muitos serão feitos justos (Rm 5:18-19).

O ato de desobediência de Adão tornou todos os seres humanos pecadores, enquanto o ato de obediência de Cristo torna os que creem justos diante de Deus. A graça de Cristo é superior ao pecado de Adão! Embora o pecado tenha se espalhado e trazido morte, a graça de Cristo é maior e traz vida eterna. A obra de Cristo não apenas anula os efeitos do pecado, mas proporciona uma nova vida e uma nova criação para aqueles que creem, pois, *Onde abundou o pecado, superabundou a graça, para que, assim como o pecado reinou na morte, assim também a graça reine pela justiça para a vida eterna, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor* (Rm 5:20-21).

⁵⁸ Ferreira (2007:447).

IV. QUESTÕES SOBRE O PECADO

Nesta parte final deste capítulo de *Hamartologia*, trataremos de algumas questões importantes decorrentes do estudo desta doutrina. Procuraremos responder ao menos cinco questões sobre o pecado: como vencê-lo? O que acontece quando um cristão peca? Existem diferentes graus de pecado? Crianças também são pecadoras? E o que é o pecado imperdoável?

4.1 Como vencer o pecado?

Na seção anterior, vimos que todo ser humano herdou de Adão, tanto a culpa quanto a corrupção. Então, vamos dividir esta primeira pergunta em duas partes. Iniciemos com a questão da culpa: como vencer a culpa ou condenação que recebemos por causa do pecado de Adão? Em síntese, todos àqueles que creem em Cristo são livres da condenação do pecado (trataremos desta questão com mais detalhes nos capítulos sobre as Doutrinas de Cristo e da Salvação). Romanos 8:1 é claro em dizer que não há condenação para aqueles que estão em Cristo. A razão disso é simples: Deus escolheu nos justificar por meio do que Cristo fez por nós na cruz: *Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus* (2 Co 5:21). Quem creu em Jesus não precisa mais viver com medo ou preocupação da condenação do pecado, pois foi justificado e redimido (Rm 3:21-26).

Além da questão da culpa, falamos da corrupção de nossa natureza, trazida pelo pecado. Noutras palavras: herdamos a corrupção de Adão. Neste caso, para nos livrarmos do pecado que vive em nós, precisamos de uma transformação da nossa natureza. E a Bíblia diz que esta transformação é possível. Quando cremos em Cristo abandonando a rebelião, nascemos de novo, somos considerados “nova criação” (2 Co 5:17), pois em certo sentido somos “ressuscitados com Cristo” (Cl 3:1). Trata-se de uma obra chamada “regeneração”. Por meio dela, ganhamos uma nova natureza. E agora, com esta nova natureza o pecado não deve mais ser o senhor de nossas vidas (Rm 6:5-13). Estamos sendo livres do seu poder, até o dia que formos glorificados. Nesta ocasião, esse processo se findará. Até lá teremos de lutar, com a ajuda do Espírito, contra o pecado e não conseguiremos nos ver totalmente livres dele.

4.2 E quando um cristão peca?

Mesmo levando em conta que recebemos uma nova natureza (conforme pontuado anteriormente), por não estarmos completamente livres da presença do pecado, é impossível a um cristão não pecar: *Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós* (1 Jo 1:8). Por isso a prática da confissão de pecados foi ensinada pelo Senhor Jesus (Mt 6:12) e repetida pelo apóstolo João (1 Jo 1:9).

Nesta mesma linha, Tiago ensinou os cristãos a confessarem os seus pecados uns aos outros (5:16) – é que existem pecados que cometemos que é contra o outro ou contra a igreja etc. (Mt 18:15). Tais pecados devem ser confessados uns aos outros acompanhados do arrependimento e pedido de perdão. Além disso, a prática da confissão mútua de pecados acontece porque

os cristãos, frequentemente, podem precisar da força de um cristão maduro ou dos seus líderes, para lutar contra algum pecado específico. A confissão mútua ajuda neste tipo de suporte.

É importante pontuar, também, que devemos confessar os pecados, crendo nos méritos de Cristo: *Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo* (1 Jo 2:1). Conforme foi mencionado, quando se tratou da definição de pecado, todo pecado é contra Deus. Até mesmo um pecado que cometo contra um irmão, é contra Deus. Por isso, sempre confessamos nossos pecados crendo que podemos ser perdoados com base no que Cristo fez por nós na cruz.

Contudo, uma questão que preocupa os discípulos de Jesus é o tempo entre o pecado cometido e o pedido de perdão: o que acontece com o cristão? Ele fica temporariamente sem a salvação? Esta talvez seja a grande dúvida de muitos sinceros discípulos do Senhor Jesus. Muitos deles pensam que sim, que o tempo entre o pecado cometido e o pedido de perdão a pessoa está “temporariamente sem salvação”. Tal pensamento não possui base bíblica!

Quando o cristão peca, sua posição legal perante Deus permanece inalterada. Todos os que creem em Cristo foram feitos filhos de Deus (Jo 1:12) e, além disso, foram justificados dos seus pecados (Rm 3:21-26). A justificação é a nova posição que recebemos diante de Deus em razão do que Cristo fez por nós. Ele nos enxerga como justos. Em termos teológicos, mesmo quando um cristão peca (e veja que estamos nos referindo apenas a cristãos genuínos) ele continua justificado.

Ele ainda assim é perdoado, pois “já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1). A salvação não se baseia nos nossos méritos, mas é dádiva gratuita de Deus (Rm 6.23), e a morte de Cristo sem dúvida nenhuma expiou todos os nossos pecados — passados, presentes e futuros; Cristo morreu pelos nossos pecados (1Co 15.3), sem distinção.⁵⁹

Somada a esta ideia de que quando cometemos um pecado continuamos justificados, pois não existe uma “pausa” na justificação, também continuamos sendo filhos de Deus. Os pecados pontuais, da caminhada cristã, cometidos por um cristão, também não lhe tiram a sua adoção, ou seja, ele continua sendo filho de Deus (1 Jo 3:1). Um filho de Deus que está lhe desagradando, é verdade, mas ainda assim um filho. Deus não deixa de nos amar, mas se desgosta conosco.

Paulo nos diz que os cristãos podem entristecer o Espírito de Deus (Ef 4.30); quando pecamos, lhe causamos pesar e ele se desgosta conosco. O autor de Hebreus nos lembra que o Senhor corrige a quem ama (Hb 12.6, citando Pv 3.11-12) e que o Pai espiritual [...] nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade (Hb 12.9-10).⁶⁰

Quando um filho faz algo que desagrada o seu pai terreno, ele não deixa de ser filho por isso. O pai se entristece, mas continua amando o filho e o corrige.

⁵⁹ Grudem (1999:415-416).

⁶⁰ Grudem (1999:416).

Deus faz o mesmo com os seus filhos. Sendo assim, o pecado prejudica a comunhão do cristão e não a sua filiação.

Além disso, quando permitimos que o pecado ganhe força em nossa vida, podemos nos enfraquecer espiritualmente e podemos deixar de ser relevantes na obra de Deus (1 Pd 2:11; Rm 6:16). A vontade de Deus para seus filhos é que se afastem do pecado e sejam escravos da justiça, frutificando para a glória dele (Rm 6:21-22). Não faz sentido alguém que foi libertado do senhorio do pecado para estar debaixo do senhorio de Cristo, continuar vivendo debaixo do senhorio do pecado.

A esta altura, alguém poderia perguntar: mas e os crentes que declinam na vida moral, que vivem de qualquer modo, que não tem nenhum compromisso com Deus e com seu reino? Até este cristão não perde a sua salvação? Pois bem, a outra pergunta que temos de fazer, nestes casos, é: será que estas pessoas realmente são crentes em Jesus? Não podemos esquecer que Jesus falou sobre a existência de “cristãos nominais” (Mt 7:21-23). Muitos são os que disseram “Senhor, Senhor”, isto é, que receberam a Cristo nominalmente e publicamente, mas que não se converteram de verdade. Estão entre o povo de Deus, mas não são povo de Deus (1 Jo 2:19).

Segundo o apóstolo João, aquele que nasceu de novo, não vive na prática habitual do pecado (1 Jo 3:6, 9). É óbvio que o cristão peca - como já afirmado mais de uma vez neste capítulo (1 Jo 1:5-10). A ponto é que o cristão genuíno não faz do pecado um estilo de vida, pois passou da morte para vida; têm o Espírito Santo ao seu lado fazendo guerra contra a natureza pecaminosa (Gl 5:16). A única maneira de um cristão se afastar da graça da salvação é por meio do cometimento do pecado imperdoável, do qual trataremos na sequência.

4.3 O que é o pecado imperdoável?

Várias passagens bíblicas falam de um pecado que não será perdoado (Mt 12:31-32; Mc 3:29; Lc 12:10; Hb 6:4-6, 10:26-27; 1 Jo 5:16-17). É certo que todas elas tratam do mesmo pecado, a saber, a apostasia, isto é, a rejeição deliberada de Cristo. O pecado imperdoável é a apostasia. A apostasia somente acontece num ambiente onde a fé existiu primeiro. A palavra grega traduzida no português apostasia é *ἀφίστημι* (*aphistémi*). Ela significa, dentre outras coisas, a postura de se afastar, retirar-se ou sair. O apóstata, é alguém que saiu do ambiente da fé e da verdade de forma consciente (cf. 1 Tm 4:1; Cl 1:23; Jd 22-23).

A apostasia ou pecado imperdoável é o que Jesus chamou de “blasfêmia contra o Espírito Santo”. E por que ela é chamada assim? A razão aqui é a seguinte: segundo a Escritura quem convence o homem do pecado, da justiça e do juízo é o Espírito Santo (Jo 16:7-8). É por meio do Espírito que fomos regenerados e ganhamos nova vida espiritual (Tt 3:5). Quando somos salvos, ele passa a morar em nós e é a garantia da nossa herança (Ef 1:13,14; 4:30). Afastar-se de Cristo, depois de ter abraçado a fé, é blasfemar contra esta obra operada pelo Espírito (gr. βλασφημία – *blasphemia*, diz respeito a “injuriar” ou “difamar” uma pessoa ou o que ela faz). E para os que fazem isso, isto é, “blasfemam contra o Espírito Santo”, não é possível mais o perdão. Quem produzirá o arrependimento para quem se endurece contra a voz do Espírito? O

Espírito não irá, novamente, contender com esta pessoa. Ela rejeitou deliberadamente o único remédio que poderia curá-la.

Este é o mesmo “pecado para a morte” de 1 Jo 5:16-17. Neste texto o apóstolo João disse que existem pecado para a “morte” e que para quem o comete, não adianta orar. Que pecado é esse? É óbvio que, em certo sentido, todo pecado leva a morte, pois este é o salário do pecado (Rm 6:23), entretanto, aqui João está falando de um pecado específico. Trata-se, aqui, também, da apostasia. Este é um tipo de pecado que conduzirá a pessoa para a morte eterna. Apostatar-se é como assinar uma sentença de morte, pois é a rejeição final e decidida daquele único que pode salvar, Jesus Cristo. A pessoa blasfema contra a obra do Espírito e volta a realidade de morte espiritual.

Por fim, o autor de Hebreus também cita o pecado imperdoável, quando menciona pessoas que “caíram” que não podem outra vez serem renovadas para a salvação (Hb 6:4-6). É muito claro que este texto está falando de cristão genuínos e não meros simpatizantes. Cristãos genuínos podem cair. “Cair”, neste contexto, não significa pecar, no sentido geral. Trata-se, também, de uma referência a apostasia. Para os que “caírem” não há chance de arrependimento, pois para si mesmos estão crucificando de novo o Filho de Deus, sujeitando-o à desonra pública (Hb 6:6 – NVI). Eles não choram mais pelo sangue derramado na cruz. Ignoram-no e agora o envergonham abertamente pela sua apostasia.

“Cair” diz respeito a repudiar a salvação recebida em Cristo. Para estes, é impossível outra vez renová-los para arrependimento (Hb 6:6), pois chegam num estado de coração e de vida, que não são mais capazes de se arrepender. Se um cristão genuíno passou um tempo fora da igreja, e voltou, é sinal de que esta pessoa não chegou a se tornar uma apóstata. A apostasia é uma ruptura completa de relação com Jesus, não é resultado de uma decisão rápida, mas de um processo de endurecimento gradual dentro da mente que se consolida em uma atitude constante de hostilidade a Cristo: *...se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo* (Hb 10:26-27).

4.4 Existem diferentes graus de pecado?

A Bíblia é muito clara ao falar sobre graus diferentes de pecado. É óbvio que pecado é sempre pecado e Deus abomina todos os pecados, tanto os maiores quanto os menores. Mas existem pecados que são mais odiosos para Deus, que ofendem mais o seu caráter e a sua santidade. A Bíblia não deixa dúvida quanto à existência de graus de pecado. No Antigo Testamento, por exemplo, lemos: *Que lhe fez esse povo para que você o levasse a tão grande pecado?* (Ex 32:21). A expressão “tão grande pecado” é um indicativo de que existem, sim, graus de pecado. O “tão grande” pecado do texto foi a adoração ao bezerro de ouro. Um grave insulto contra Deus; realmente, um desprezível e grande pecado. À luz deste texto, podemos afirmar que existem pecados não “tão grandes”, apesar de serem pecados.

Além disso, os sacrifícios pelos pecados eram diferentes, dependendo quem cometia e qual o tipo do pecado (Lv 4-6). Se para Deus é tudo igual, por que sacrifícios diferentes? É óbvio que alguns pecados trazem mais desprazer

ao ser de Deus. Provérbios fala: *Seis coisas o SENHOR aborrece, e a sétima a sua alma abomina* (6:16). Quando Deus revelou a Ezequiel pecados no templo de Jerusalém, assegurou ao profeta: *Pois verás ainda maiores abominações* (Ez 8:6 – grifo nosso). Conferir, também, Ez 8:13 e 15.

No Novo Testamento, Jesus disse a Pilatos: *Quem me entrega a ti maior pecado tem* (Jo 19:11). Hendriksen faz o seguinte comentário a este texto:

Pilatos, de fato, tinha recebido autoridade para pronunciar a sentença neste caso. A falha em reconhecer que essa autoridade lhe fora *dada* e que ele tinha de responder a Deus pela maneira como a exercia o tornava culpado. Mas Caifás, que, como sumo sacerdote em exercício, tinha perversamente condenado o Justo e o entregara a Pilatos com o pedido de que ele fosse sentenciado à morte na cruz, não recebera nenhuma autoridade de Deus para cometer essa infâmia. Além disso, Pilatos, embora corrupto ao máximo, não entendia por completo o que estava fazendo. Mas Caifás agia com conhecimento e determinação inflexível (veja sobre 11.49–50). Portanto, o pecado de Caifás era maior do que o pecado de Pilatos. Existe gradação de pecados (Lc 12.47,58).⁶¹

Outra evidência que existe gradação de pecados é que o nosso Senhor falou de um pecado que era tão grave que não possui nem perdão (Mt 12:32). João disse que para este pecado não adianta nem orar (1 Jo 5:16-17). Como não dizer que não existem níveis de pecado?

Às vezes, o que se objeta contra os argumentos colocados aqui, é que não são os pecados que são diferentes, mas as consequências. Contudo, tal ideia é falaciosa. As consequências são diferentes exatamente porque os pecados são diferentes. O pecado de uma pessoa que roubou uma agulha causa menos repulsa do que o pecado de alguém que abusou de uma criança. As consequências são distintas porque os pecados são distintos e um causa, naturalmente, mais repulsa do que o outro.

Enfim, existem outros textos que poderiam ser citados, mas estes são suficientes. Apesar de mostrar que existem graus de pecado na Bíblia, reforçamos que Deus abomina todo pecado: tanto os maiores quanto os menores. Todo cristão deve lutar com todas as nossas forças contra todo o tipo de pecado. Esta é a vontade de Deus.

4.5 As crianças também são pecadoras?

Sim, conforme já fora colocado em outra parte deste capítulo, a natureza pecaminosa é herdada bem antes do nascimento. Quando somos concebidos já somos considerados seres humanos, e carregamos a culpa e corrupção vindas do pecado de Adão (Sl 51:5). Além disso, é possível perceber que a natureza pecaminosa das crianças se manifesta bem cedo, como qualquer um que já criou filhos pode confirmar.⁶² O salmista, neste sentido, escreveu: *Desviam-se os ímpios desde a sua concepção; nascem e já se desencaminham* (Sl 58:3 – grifo nosso). E nunca mais destruirei todos os seres vivos como fiz desta vez. Cada pessoa, bebê ou adulta, é culpada diante de Deus, desde a sua concepção (não por causa do ato sexual, que foi instituído por Deus e é santo,

⁶¹ Hendriksen (2014:742–743).

⁶² Grudem (1999:411).

mas por conta do pecado herdado de Adão). Por isso, a Bíblia não faz distinção entre a salvação de adultos e crianças. Ambos, só poderão ser salvos pelo mesmo sacrifício de Cristo na cruz.

Entretanto, o que acontece com uma criança que morre antes de ter idade suficiente para aceitar o evangelho, visto que a única maneira de resolver o problema do pecado é por meio de Cristo (Jo 14:6; At 4:12; 1 Tm 2:5)? De modo geral, os cristãos acreditam que crianças nascem culpadas e corruptas, mas dividem-se na resposta da questão formulada anteriormente. Realmente, estamos diante de uma questão difícil, pois a Bíblia não traz uma resposta clara e satisfatória, de modo que tudo o que se argumenta são apenas possibilidades.

Um texto que às vezes é utilizado nesta discussão é 2 Samuel 12:23. Quando o filho de Davi com Bate-Seba morre ele expressa claramente a sua confiança de vê-lo novamente: *Porém, agora que é morta, por que jejuaria eu? Poderei eu fazê-la voltar? Eu irei a ela, porém ela não voltará para mim* (grifo nosso). Davi parecia estar dizendo que veria seu filho bebê (no futuro), embora não pudesse trazê-lo de volta à vida naquele momento. Alguns utilizam este texto como garantia, para todos os cristãos que perderam filhos pequenos, de que um dia eles serão vistos novamente. O problema é que precisamos questionar se o autor do texto bíblico intencionava ensinar esta verdade ou se apenas está mencionando uma crença ou desejo de Davi. Não podemos nos esquecer que se trata de um texto narrativo. Embora Deus possa fazer isso, este texto bíblico não diz especificamente que ele o fara. Além do mais, será que o “eu irei a ela” não seria uma referência a sepultura? Ao que parece, Davi só não estaria dizendo que um dia também morrerá e vai para sepultura, como o seu filho. Esta também é uma possível e mais provável interpretação.

Há, ainda, outro argumento utilizado nesta discussão é o da “idade de responsabilidade”. Em Romanos 1:20, lemos: *Pois os seus atributos invisíveis, o seu eterno poder e divindade, são claramente vistos desde a criação do mundo, sendo percebidos mediante as coisas criadas, de modo que eles são inescusáveis*. Este texto fala de pessoas que nunca ouviram falar de Cristo, mas que serão consideradas culpadas pois há uma revelação natural de Deus no universo criado. Elas “percebem” isso claramente “mediante as coisas criadas”, mas ainda assim preferem viver como se Deus não existisse.

A questão que se levanta neste caso é a seguinte: os bebês ou as crianças que morreram em tenra idade (e alguns também colocam nesta mesma discussão a pessoa com deficiência mental) não possuem faculdade para “perceberem claramente” ou raciocinar sobre Deus. Sendo assim, será que Deus não teria um modo diferente de lidar com elas? Como a salvação só é possível por causa de Cristo, será que não se poderia pensar num modo incomum de salvação para estas crianças, via sacrifício de Cristo? Nestes casos, Deus não poderia alcançá-las pela cruz, misericordiosamente, e perdoá-las de sua culpa e corrupção herdada? Alguns teólogos pensam que sim.⁶³

Outro texto-prova utilizado para dizer que todos os que morrem na infância serão salvos é a declaração de Jesus de que dos pequeninos “é o reino dos céus”: *Deixai vir a mim os pequeninos e não os embaraceis, porque **dos tais é***

⁶³ Millard Erickson, por exemplo, é um dos teólogos que creem na “idade da imputabilidade”, antes da qual crianças pequenas não são responsáveis pelo pecado e nem tidas como culpadas perante Deus.

o reino de Deus (Lc 18:16 – grifo nosso). Todavia, parece que tal crença não pode extraída do versículo em questão. O que Jesus está ensinando é que crianças também possuem acesso ao reino de Deus e não somente adultos, para repreender seus discípulos por sua postura de quererem afastar as crianças. Outrossim, a expressão “dos tais” não quer dizer que todas as crianças, indistintamente, independentemente da idade, serão salvas. A expressão grega τῶν τοιοῦτων (*ton tohouton*) pode ser traduzida por “tais como estas” ou “dos semelhantes a elas” indicando que o reino é para crianças tais como aquelas que foram abençoadas por Jesus naquela ocasião.

Além destes argumentos apresentados, existem também os que explicam que a salvação das crianças e da pessoa com deficiência mental é com base na presciência de Deus (1 Pd 1:2). Ou seja, Deus conhece absolutamente todas as coisas, ele sabe se elas responderiam positivamente a mensagem do evangelho, caso tivessem oportunidade. Enfim, a verdade é que as Escrituras Sagradas não nos permitem dizer muita coisa a respeito além do que já pontuamos sobre este tema. De qualquer forma, podemos descansar na soberania de Deus. Ele sempre faz o melhor e justo. Nisso devemos nos apegar.

III. A REMOÇÃO DO PECADO

Quando Paulo escreve em Efésios 2 que todos estão "mortos em delitos e pecados", ele está descrevendo a realidade fundamental do pecado — uma realidade que ultrapassa ações isoladas e nos revela um estado de corrupção espiritual. O pecado, na sua essência, é rebelião contra Deus e separação de sua santidade. É um desvio do padrão divino, um erro de alvo, e uma manifestação de incredulidade. Esse estado corrompe cada aspecto do ser humano — intelecto, vontade, emoções e ações. Como resultado, mesmo nossos melhores esforços estão manchados por intenções egoístas e autossuficiência.

O pecado é uma ofensa contra um Deus infinitamente santo. Por essa razão, sua punição é justa e proporcional: a ira de Deus e a condenação eterna (Rm 6:23). Se não punir o pecado não seria um Deus justo, e não haveria uma situação de suprema justiça no universo. Mas quando ele castiga o pecado, Deus revela-se um juiz justo sobre todos.⁶⁴

O pensamento hamartiológico culmina no reconhecimento de que o pecado é um estado desesperador e sem solução dentro da capacidade humana. O homem não pode, por si só, se levantar de sua condição de morte espiritual, pois está cego, surdo e insensível às coisas de Deus. Ele é escravo do pecado e, por isso, está em total incapacidade de responder ao chamado de Deus por seus próprios meios. Ele precisa de uma ajuda externa.

Esse diagnóstico é essencial para entender a necessidade absoluta da graça redentora de Cristo. Se não compreendermos a profundidade de nossa condição pecaminosa, jamais compreenderemos a profundidade do amor de Deus ao enviar Seu Filho para morrer por pecadores. Em Cristo, o estado de morte é revertido pela vida que Ele dá — Ele nos desperta, nos vivifica e nos

⁶⁴ Grudem (1999:421).

ressuscita espiritualmente. Como Paulo conclui em Efésios 2:8-9, somos salvos unicamente pela graça, para que nenhum homem se glorie.

Portanto, a hamartiologia nos ensina a encarar a dura realidade do pecado e, ao mesmo tempo, nos aponta para a esperança que há no evangelho. Ela nos humilha ao mostrar nossa corrupção total, mas nos traz esperança ao mostrar a maravilhosa graça de Deus em Cristo, que nos traz da morte para a vida e da escravidão para a liberdade. Aliás, em Gênesis, no capítulo 3, onde está registrado a origem do pecado, temos a remoção do pecado prometida (v. 15) e prefigurada (v. 21). O Senhor Deus, por causa de sua perfeita santidade, não aceita o pecado; porém, por causa do seu imenso amor, está disposto a perdoar o pecador (Jo 3:16; Rm 5:8). Por isso, em toda a narrativa da queda, vemos lampejos da graça divina.

Em Gênesis 3:15 Deus promete que, a partir da mulher, nasceria aquele que esmagaria a cabeça da serpente. Essa promessa é conhecida como proto-evangelho, ou “primeiro evangelho”. É a primeira vez que aparece, na Bíblia, a promessa do Salvador. Adão confiou nestas palavras e, provavelmente, por isso, chamou sua mulher de Eva, isto é, vida (Gn 3:20), pois dela nasceria aquele que é a esperança de vida!

Já em Gênesis 3:21, encontramos outro ato gracioso de Deus: fez roupas de pele e com elas vestiu Adão e a sua mulher. Sabemos que, para providenciar a pele, um animal teve de morrer. Esse ato já era prenúncio do que Cristo faria pelos pecadores, na cruz. Jesus é a única esperança, o cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo (Ap 13:8). Enfim, nos capítulos sobre Cristologia e Sotereologia estudaremos com mais detalhes sobre a remoção do pecado.

CONCLUSÃO

A história do pecado entre os seres humanos começou com Adão e Eva. Esse evento não foi apenas uma desobediência simples, mas um ato que introduziu o pecado no mundo, corrompendo a natureza humana e afetando toda a criação. Este evento marca o início de um drama cósmico. A partir daí, a humanidade herdou não apenas a culpa do pecado original, mas também uma natureza inclinada ao mal, resultando em uma corrupção moral e espiritual.

O ser humano escolheu seguir o seu próprio caminho em vez da vontade divina, causando uma ruptura na ordem perfeita de Deus. A queda não é apenas um erro moral, mas um evento cataclísmico que afeta a totalidade da criação. O pecado não só corrompe a natureza humana, mas também introduz a morte, o sofrimento e a desordem no mundo. Ao longo da história, temos percebido a influência e o resultado do pecado se manifestando nas escolhas individuais e coletivas que as pessoas fazem.

A hamartiologia que é a doutrina que estuda o pecado mostra que a história não é aleatória ou guiada apenas por forças naturais, mas está inserida num contexto maior de propósito e significado espiritual. Cada indivíduo faz parte desse drama. Desde a queda dos nossos pais no princípio, o pecado se manifestou tanto no coração do ser humano quanto no mundo em geral. Os relatos bíblicos, como o de Caim e Abel, o dilúvio nos dias de Noé, a torre de Babel, e a contínua desobediência do povo de Israel, demonstram como o pecado opera em cada geração. O pecado é o grande vilão da história porque

ele é a causa da separação entre Deus e a humanidade. Desde então, o pecado tem distorcido o propósito original da vida, gerando uma luta constante, e fazendo da redenção em Cristo a única solução para restaurar a ordem de todas as coisas.

De fato, o maior problema da humanidade é o pecado. Apenas a salvação, que é o livramento do pecado e de seus efeitos, realizada por Jesus Cristo pode solucionar a tragédia da queda. Apenas o segundo Adão pode restituir aquilo que o primeiro Adão perdeu: o direito de estar eternamente diante de Deus. Apesar da gravidade e de seus efeitos danosos, o pecado não tem a última palavra sobre o destino eterno dos seres humanos, pois *onde abundou o pecado, superabundou a graça* (Rm 5:20).

REFERÊNCIAS (AINDA PRECISA SER AJUSTADA)

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. 2 ed., São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

FREITAS, E. W. de S. (org.) et al. *Teologia Sistemática: a doutrina do ser humano, do pecado e da salvação*. São Paulo: CETAP, GEVC, 2017.

GEISLER, Norman. *Teologia Sistemática: pecado, salvação, a igreja, as últimas coisas*. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. 1ª ed. Vol.2. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: atual e exhaustiva*. Tradução de Norio Yamakami, Lucy Yamakami, Luiz A. T. Sayão, Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HENDRIKSEN, William. *João: Comentário do Novo Testamento*. 2 ed., São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2014.

LADD, G. Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução: Degmar Ribas Júnior. ed. rev. 1ª ed. Reimpressão. São Paulo: Hagnos, 2009.

RYRIE, Charles, C. *Teologia Básica ao alcance de todos*. Traduzido por Jarbas Aragão. 1ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

SEVERA, Zacaria. *Manual de Teologia Sistemática*. Curitiba: A.D. Santos Editora, 1999.

SMITH, Ralfh. L. *Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem*. São Paulo: Vida Nova, 2001.

STRONG, Augustus H. *Teologia Sistemática*. 1ª ed. São Paulo: Hagnos, 2003.

WILLIAMS, J. Roadman. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. São Paulo: Vida, 2011.

CARRIKER, Timóteo. *Teologia Bíblica da Criação – Passado, Presente e Futuro*. Viçosa: Ultimato, 2014.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

KIDNER, Derek. *Gênesis: Introdução e Comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1979.

TREMPER, Longman III. *Como ler Gênesis*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

WALTKE, Bruce K. *Comentário do Antigo Testamento - Gênesis - 2ª edição*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

FREITAS, E. W. de S. (org.) et al. *Teologia Sistemática: a doutrina do ser humano, do pecado e da salvação*. São Paulo: CETAP, GEVC, 2017.

GEISLER, Norman. *Teologia Sistemática: pecado, salvação, a igreja, as últimas coisas*. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. 1ª ed. Vol.2. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: atual e exhaustiva*. Tradução de Norio Yamakami, Lucy Yamakami, Luiz A. T. Sayão, Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HOWARD, R. E. (et alii). *Comentário Bíblico Beacon*. Vol. 9. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*. Tradução: Lawrence Olson. Edição revisada e atualizada. São Paulo: Editora Vida, 2006.

SEVERA, Zacaria. *Manual de Teologia Sistemática*. Curitiba: A.D. Santos Editora, 1999.

SMITH, Ralfh L. *Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem*. São Paulo: Vida Nova, 2001.

WILLIAMS, J. Roadman. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. São Paulo: Vida, 2011.